

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Clássicos do Cinema Coreano
13 de Janeiro de 2021

YEOLNYEOMUN / 1962

Voto de Castidade

um filme de Shin Sang-Ok

Realização: Shin Sang-Ok / **Argumento:** Kim Gang-yun / **Fotografia:** Jeong Hae-jun / **Iluminação:** Lee Gye-chang / **Som:** Lee Kyeong-sun, Lee Sang-man / **Montagem:** Kim Young-hee / **Música:** Jeong Yoon-joo / **Direção Artística:** Chung Woo-taek / **Interpretação:** Choi Eun-hee (Sra. Han), Shin Young-kyun (empregado), Kim Dong-won, Han Eun-jin, Kim Hee-kap.

Produção: Shin-Films (República da Coreia, 1962) / **Produtor:** Shin Sang-ok / **Cópia:** em DCP, preto e branco, legendada electronicamente em português / **Duração:** 101 minutos / **Título internacional:** “The Memorial Gate for Virtuous Women” / **Títulos alternativos:** “Yeollyeomun”; “Bound by Chastity Rules”; “The Red Gate” / **Estreia comercial:** 13 de Dezembro de 1962, Coreia do Sul / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca

Terceiro filme de Shin Sang-ok neste programa, escolhido entre as várias dezenas de filmes que realizou, **Yeolnyomun/Voto de Castidade** é bem revelador da importância do autor no cinema da República da Coreia, bem como do ritmo incessante do seu trabalho ao longo das décadas de 50 e 60 e 70. Nascido em meados dos anos vinte, Shin Sang-ok estudou pintura no Japão, numa altura em que a Coreia se encontrava sob ocupação japonesa. Depois de vários anos a trabalhar como decorador em cinema, começou o seu percurso como realizador e, reivindicando a influência de grandes cineastas como Jean Renoir ou de Kenji Mizoguchi, assumiu um papel decisivo na constituição e desenvolvimento de uma indústria cinematográfica da Coreia do Sul ao realizar várias longas-metragens por ano, ao mesmo tempo que em 1964 criou nos arredores de Seul o seu próprio estúdio, com o qual produziu três centenas de filmes. Altura em que, acumulando sucessos comerciais, pensou conseguir contornar a censura, mas em 1974 foi impedido de filmar, pelo que estabeleceu relações com Hong Kong no sentido de continuar a realizar.

O ritmo de trabalho de Shin Sang-ok só foi verdadeiramente interrompido no final dos anos setenta quando a sua mulher, a actriz Choi Eun-hee, que protagoniza grande parte dos seus filmes incluindo **Yeolnyomun**, foi raptada e levada para a Coreia do Norte, o mesmo acontecendo a Shin Sang-ok, aí permanecendo ambos durante oito anos (quatro na prisão) com o objectivo de desenvolverem a cinematografia da Coreia do Norte até conseguirem fugir em 1986. Este episódio marcante para as suas vidas e obras, rodeado de muita controvérsia e de várias versões, já foi contado em pormenor a propósito dos dois filmes que exibimos nos últimos dias, **Seong Chun-Hyang/A Crónica de Chun-Hyang** e **Saranbang Sonnyngwa Eomeoni/A Minha Mãe e o Hóspede**, duas das longas que Shin Sang-ok realizou em 1961.

Estreado em 1962 e apresentado no festival de Berlim em 1963, o mesmo ano em que venceu o festival de cinema de Daejong, **Yeolnyomun** acabou por ter um percurso invulgar: foi considerado um filme desaparecido durante alguns anos, antes de uma cópia ser encontrada e o filme ser restaurado. **Yeolnyomun**, ou **Voto de Castidade**, é um melodrama ambientado no campo no início do século XX e, como o título sugere, aborda uma tradição central na sociedade sul-coreana, que impunha o voto de castidade às mulheres viúvas, questão já abordada por Shin Sang-ok em **Sonnyngwa Eomeoni/A Minha Mãe e o Hóspede**. Tratava-se de uma tradição associada a princípios da dinastia Choseon e do confucionismo, que conferiam uma enorme importância à lealdade, ao dever filial e à castidade, e em que a noção de voto de castidade surgia associado a uma noção de pureza a preservar. Em **Yeolnyomun**, uma jovem viúva pertencente a uma família aristocrática, interpretada por Choi Eun-hee, a grande atriz sul-coreana e mulher do realizador, apaixona-se por um camponês ao serviço da família e tem um filho. Estes são os ingredientes básicos para um drama eloquente em que o pai da criança parte com o bebé, permanecendo a Sra. Han com a família, até que os anos passam e o filho procura a mãe.

Quando em 2003 Hubert Niogret, na revista *Positif*, pergunta a Shin Sang-ok porque faz filmes históricos sobre a época Chosun este responde: “Em termos filosóficos a Coreia é um país extremamente conservador e dominado pelo confucionismo. Eu queria tratar os problemas sociais da época, o que não era possível devido à censura. Logo tínhamos menos problemas fazendo filmes sobre o passado ou filmes históricos.” Virtuosa e enquadrado em formato panorâmico **Yeolnyomun** retrata com cuidado e talento o modo de vida nos campos de uma sociedade rural pré-moderna. O tabu que impunha a castidade às mulheres viúvas revelará toda a sua força na dupla prova da Sra. Han: no momento do amor que resulta no nascimento do filho, e no segundo momento em que este, enquanto homem adulto, regressa à casa da mãe, o momento dramático por excelência do filme. **Yeolnyomun** inscreve-se assim claramente no universo do melodrama, género particularmente expressivo no âmbito do cinema sul-coreano de então, considerado como um meio por excelência da afirmação da identidade nacional e da integridade cultural. Contudo, a perturbadora complexidade do filme resulta de uma tensão entre a perseverança da personagem em manter um comportamento virtuoso em nome da honra, que é a fonte de um intenso sofrimento físico e psicológico, e o modo contido como Shin Sang-ok organiza todos os aspectos da *mise en scène*.

Yeolnyomun é um filme que, como outros de Shin Sang-ok, poderíamos aproximar aos de Mizoguchi, não apenas pelo modo como aqui retrata os dramas de uma mulher ou os problemas que esta atravessa, num paralelo claro com tantos dramas femininos filmados pelo mestre japonês, como por algumas opções de realização, valorizadas pela excelente interpretação dos protagonistas. Como dirá Shin Sang-ok, numa entrevista aos *Cahiers du cinéma* em 1999: “Faço os meus filmes como pinto. Esse é o motivo porque sou frequentemente realizador e director de fotografia”. Mas esse também é o motivo porque **Yeolnyomun** tem momentos sublimes do ponto de vista plástico e de composição, em que se reforça a força trágica da narrativa e se revela um excelente domínio da *mise en scène*. Veja-se a sequência que respeita à tentativa de violação da protagonista, ou a sequência final em que a mãe vela o seu filho enquanto este dorme.

Joana Ascensão